

A experiência do presente

Este número da revista *Teresa* pretende discutir o lugar, a função, o valor e os sentidos figurados na literatura brasileira do presente. Como se sabe, desde o século XIX europeu a literatura elegeu a crítica ao capitalismo industrial como norma, reivindicando sua autonomia e multiplicando os modos de recusá-lo. Em muitos casos, constituiu-se como um fim próprio que implicou a crescente separação de ficção e vida, ampliando-se a distância entre teoria e prática como trabalho intelectual da divisão social incluído na racionalização negativa das formas literárias. No século XX, as vanguardas históricas declararam sua liberdade diante dos processos de racionalização instrumental da vida. Criticaram a mercantilização das relações sociais e determinaram para si a função negativa e destrutiva de oferecer-lhe resistência na figuração de um conhecimento crítico da administração das consciências pelo Estado do Bem-Estar Social. A chamada Terceira Revolução Industrial vem redefinindo os meios de produção, os produtos e as relações de trabalho da sociedade contemporânea. Faz predominar formas de trabalho delimitadas pela concentração de várias etapas da produção nas mãos de um único trabalhador. A informatização gera fluidez e contingentes maiores de trabalhadores como exército de mão-de-obra de reserva e os exclui da vida econômica e cultural. Simultaneamente, institucionaliza formas instáveis de trabalho, sem tarefa e jornada fixas.

Sobretudo em um país como o Brasil, onde o espaço público sempre é tomado de assalto e saqueado por interesses particulares, a informatização da comunicação tende a pôr termo ao tênue processo democrático da experiência pública. Os meios de comunicação de massa cada vez mais controlam as consciências e submetem os corpos aos ritmos da extrema concentração e acumulação do capital. Contínua e ininterruptamente, produzem cenas que banalizam a violência e a corrupção, saturando a experiência do tempo com a naturalização da barbárie. A imagem onipresente constrói a realidade objetiva desse novo modo de produção como simulacro. O efeito dos simulacros ameaça constantemente com a repressão e o terror mobilizados pelo capital, constituindo e preservando a paranoia que justifica a interiorização dos mecanismos de controle enquanto impõe mais e mais disciplina. A internalização crescente da disciplina como autossubmissão torna os corpos disponíveis aos interesses do capital. No modo de trabalho sem tarefas e horário fixos, o tempo é fatiado em microtemporalidades que ganham máxima aceleração. Não há tempo para ter tempo. Enquanto se descronologiza, o tempo perde profundidade histórica. Na imagem congelada da barbárie, o tempo histórico deixa de produzir sentidos, constituindo-se, nos pedaços disparatados da informação, como o vazio de uma desmemória flutuante e conformista. Nessa situação, a produção de conhecimento crítico da vida também se esfacela. Cada discordância que se introduz nos meios de comunicação tem cinco segundos de evidência a que imediatamente se sobrepõem novas cenas de barbárie naturalizadas como o sentido das coisas. Aliada à fragmentação massificadora, a valorização de múltiplas interpretações sobre a realidade produz a absolutização das chamadas "diferenças" e do relativismo, propiciando a emergência de memórias coletivas parciais e voláteis, esgarçadas pelo acúmulo que justapõe *faits-divers* jornalísticos e mensagens publicitárias.

Na literatura, os efeitos dessa situação são observáveis em algumas formas artísticas da chamada "pós-modernidade", caracterizadas pela tendência de se apropriarem de antigas referências literárias e retomá-las em mesclas de estilos e gêneros como pastiches sem negatividade nem orientação definida da experiência do presente. Abstraídos de seu contexto histórico, procedimentos e estilemas artísticos reproduzidos tendem a autonomizar-se de toda função

crítica como fins em si. Sua reatualização inclina-se a figurar o tempo histórico como abertura indefinida para o infinito da repetição de um opressivo presente absoluto oferecido à percepção como puro movimento imanente, como se o futuro estivesse bloqueado e nenhuma experiência de passado contasse. O que também se observa em supermercados, universidades, museus, restaurantes, lojas de cosméticos e roupas, que põem em circulação mercadorias propagandeadas como úteis à saúde, ao conforto, ao bem-estar do corpo e da alma dos fregueses, como os livros de ficção especializados em fornecer suplementos a territórios desamparados da alma que supostamente confirmam a necessidade e a eficácia das mercadorias consumidas. A propalada autonomia da literatura moderna desaparece.

Teresa buscou compreender se as novas formas de produção de mercadoria e a interiorização da disciplina se tornaram um objeto negativamente sublime, como propunha Kant, absolutamente monstruoso e sem termo de comparação, matematicamente incomensurável e dinamicamente potente a ponto de inviabilizar sua figuração ficcional. Ou, ao contrário, se a experiência atual do tempo histórico vem sendo tratada na literatura brasileira por meio, por exemplo, da invenção do discurso da história. Nessa situação, quais são as formas de representação ficcional da memória individual e coletiva?

Para desenvolver tais questões, *Teresa* procurou ouvir alguns escritores representativos da literatura brasileira atual, cujos nomes foram propostos em uma longa lista elaborada durante uma reunião de professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH/USP. Entre os que aceitaram o convite da revista, poetas e romancistas discorrem, na seção *Entrevista*, sobre seu modo de pensar a forma literária e de compreender a relação entre o tempo literário e o tempo histórico; sobre o posicionamento de sua obra perante a tradição literária e os procedimentos que ela adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização. *Página Aberta* traz um texto de Franklin Leopoldo e Silva em que, retomando Sartre, aborda os polos do dever ser e do ser na dimensão ética, na história e na literatura. A seção *Ensaio* conta com reflexões que retomam a função da arte na cultura atual, diagnosticam o papel das vanguardas na cena artística e mapeiam tendências da crítica, da poesia e do romance do presente. Leituras minuciosas que analisam temas, formas e procedimentos artísticos de expoentes da literatura encontram-se reunidas em *Literatura brasileira do presente: tendências*. Dois poemas inéditos de Bento Prado Jr. e, na mesma seção, traduções de Baudelaire, Hans Magnus Enzensberger e Mahmud Darwish enriquecem a revista. Em *Documentos*, Armando Freitas Filho define o seu processo de invenção e Luiz Ruffato, o seu último projeto literário. A mesma seção apresenta uma conferência inédita de Alfredo Bosi sobre a obra de Benedito Nunes. Republica ainda conferência de Hans Ulrich Gumbrecht sobre o “campo não hermenêutico”, e recupera uma polêmica de meados da década de 1970 entre Haroldo de Campos e Osman Lins. Nessa mesma seção João Adolfo Hansen discute, num texto de 2007, a poesia de Regis Bonvicino. Ao final da revista, encontram-se artigos que analisam a abordagem teórica e crítica de obras literárias feita pelos livros *O cão do sertão* (Luiz Roncari), *O tapete afegão* (Walnice Nogueira Galvão) e *O controle do imaginário* (Luiz Costa Lima).

Como os anteriores, este número da revista muito deve ao diálogo entre professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. A possibilidade de sua edição realizar-se como um espaço de debate, exposição e troca intelectual entre o corpo docente e o discente não deixa de ser também uma tentativa de evitar o processo de padronização e burocratização de revistas acadêmicas atualmente em curso. Ao rigor, à seriedade, à competência e à generosidade de leda Lebensztayn este número da *Teresa* é muito grato.